



Celoricensês de sucesso

Em conversa com... Nathalie de Oliveira

“ Celorico de Basto é luz, no silêncio do sol”.

(Nathalie de Oliveira, 12 de agosto de 2013)

Filha de pais portugueses, do lugar de Nespereira, freguesia de Vale de Bouro, concelho de Celorico de Basto, em Portugal, Nathalie de Oliveira nasceu a 16 de novembro de 1977 em Metz, cidade francesa no Leste de França e tem orgulho em ser portuguesa.

O gosto pela política surgiu muito cedo, em sintonia com a literatura de intervenção social, sendo Manuel Alegre, José Saramago e Miguel Torga, três dos seus muitos escritores de eleição.

Estudou Letras e Línguas, fez uma Licenciatura em Relações internacionais, em Metz, para terminar em Paris com um mestrado em Administração Internacional e Estudos Europeus, seguindo-se uma pós graduação em Direito Internacional Público na Sorbonne. Durante dez anos, Nathalie de Oliveira, fez estágios e missões diversas para instituições europeias e em particular, para a Comissão Europeia, onde pôde utilizar e desenvolver as seis línguas que aprendeu e domina.

Neste momento é Conselheira Municipal delegada em Metz, eleita nas autárquicas de 2008. Responsável pelas comunidades europeias, inclusive a portuguesa no município e pela gestão social dos onze departamentos da mesma cidade, com a criação de um comité de bairro, na ótica da cidadania e da ligação directa com a Câmara, sendo ainda a responsável pelos acolhimentos públicos e recepção das comunidades. Fala português fluente e sente-se bem em Celorico de Basto.

Com um passado e presente de sucesso e um futuro promissor, Nathalie de Oliveira falou-nos um pouco de si e da sua história de vida.

P: Filha de pais portugueses que partiram “a salto” para França, uma realidade da maioria dos emigrantes de primeira geração dos anos 70. Como recorda esses tempos?

R: Os meus pais partiram à descoberta sem medo do que poderiam encontrar e deram com um território onde se fixaram e construíram uma vida. Na verdade sei que os meus pais viveram o que muitas famílias viveram na altura, época de graves dificuldades económicas do país, em queurgia partir à descoberta de algo melhor. E o meu pai partiu sem receio, aliás vejo-o como um herói à semelhança de Vasco da Gama, que partiu sem saber sequer o que o esperava e mesmo assim não temeu as dificuldades e os perigos e com o coração aberto e o espírito descobridor do povo português partiu à aventura. Recordo o filme da “Gaiola Dourada”, neste momento em exibição, que retrata a realidade de quem partiu nos anos 60 e 70 e demonstra o orgulho dos que partiram “a salto” e se fixaram além fronteiras.

R: Sei que prefaciou o livro de Isabel Mateus “Terra do Chiculate” uma obra que reflecte sobre a emigração e que alude aos “anos de lama em Paris”?

N: Este livro, que aconselho a lerem, é definitivamente uma amostra do que é a emigração escrito por uma emigrante e que me diz muito, porque reflecte também sobre a minha realidade, sobre a realidade dos minhotos, das gentes de Celorico de Basto. Um livro completo, com vários relatos individuais de pessoas do Concelho de Celorico que eu conheço e que viveram a realidade da emigração na altura da partida “a salto”.

R: Trata-se de uma realidade que a marcou profundamente?

N: Faz parte da minha realidade, da minha história de vida. Aliás, tratou-se de uma partida em busca do progresso pessoal à semelhança do que é descrito nas imagens de Gérald Bloncourt “por uma vida melhor”, que retrata realidades de um Portugal dos

anos 60 e 70. Até porque a exposição de Bloncourt, salienta que os problemas de Portugal de Salazar eram iguais aos do resto da Europa.

R: É cronista no Luso Jornal, já pensou em ir mais além na escrita?

N: Adoro literatura e poesia sobretudo escritores portugueses e gosto muito de escrever. “Porque a vida não chega”- diria F. Pessoa. E sim, já pensei em escrever uma obra literária inspirada nas vivências da emigração. Já tenho o título e retratará umas idas e voltas deste Portugal com fragmentos de histórias reais dos emigrantes. Uma viagem entre o Portugal de ontem e o Portugal de hoje e de quem continuou a ser Português lá fora. *“Para salvar alguma coisa do tempo onde nunca mais viveremos”* porque não podia deixar de citar Annie Ernaux, outra grande escritora francesa que contou os seus na Normandia dos anos 50.

P: Gosta em particular da literatura portuguesa?

R: Nasci a 16 de Novembro tal como José Saramago talvez daí a minha inclinação para o gosto literário o que de certa forma explica o meu percurso académico, um percurso escolar clássico, com formação em Letras e Línguas direcionada para uma formação internacionalista. Gosto de citar José Saramago, Miguel Torga, Manuel Alegre e muitos outros. Fazem parte da minha “caixa” de cultura.

P: Tem um português fluente e um vasto conhecimento sobre a cultura portuguesa. Sentiu necessidade de saber mais sobre o “nosso” Portugal?

R: A verdade é que precisava de me descobrir em termos de identidade, uma descoberta de cariz pessoal que me levou a sentir necessidade de aperfeiçoar a língua e a descobrir sempre mais sobre o “meu” Portugal. Note-se que tive aulas de português unicamente durante os anos de primária mas a influência dos meus pais e familiares e as minhas constantes visitas a Portugal, no fundo a minha história portuguesa, tem explicado muitas das minhas opções de vida.

P: Sobretudo o ingresso no mundo da política?

R: Recordo quando vinha a Portugal e via a bandeira com as doze estrelas, a bandeira da Europa na altura, uma bandeira que o meu pai identificava como sendo de todos nós, porque somos europeus. A partir daí sempre sonhei com a internacionalização, o trabalho da ONU, o trabalho Europeu. Aliás, lembro-me como se fosse entem aos 5 anos aquando das negociações levadas a cabo por Mário Soares para incluir Portugal na EU; foi a partir desse momento que a palavra Europa começou a fazer parte do meu imaginário. O que conto no Prefácio de “Terra do Chiculate”.

P: Mas quando é que surgiu o primeiro contacto efectivo com mundo da política?

R: Na verdade não tinha pretensões de seguir o mundo da política de tanto ter ouvido que “não era para nós”, mas a questão da diáspora e da portugalidade fez-me repensar nas minhas prioridades. O meu primeiro contacto com este mundo aconteceu quando José Cesário era Secretário de Estado das Comunidades Portuguesas e fui convidada para participar numa plataforma mundial de Luso descendentes, em Lisboa, em outubro de 2003. Vai fazer 10 anos que dei o primeiro passo no mundo da política, que começou com Portugal e com as Comunidades. Mais tarde, em 2007, com medo da chegada ao poder de Sarkozy, respondi assertivamente ao apelo do PS e fui eleita nas autárquicas de 2008.

P: Uma das responsáveis pela criação da secção do Partido Socialista Português em Metz?

R: Dedico-me às causas que defendo com empenho e esse facto levou a que reparassem nas minhas potencialidades, permitindo a criação do PSP de Metz. Uma secção trabalhadora, essencialmente composta de elementos da «primeira geração», que acredita na política. O meu percurso político tem vindo a alterar-se de diversas formas sobretudo na ligação cada vez mais próxima com as comunidades estrangeiras e europeias. Confirmou o meu caminho europeu.

P: Um percurso baseado na dedicação e no empenho?

R: Sobretudo. Aliás, trabalho exaustivamente com as comunidades e com as necessidades da população. É com base na verdade, que exerço as funções que me foram incumbidas. Aliás, “não prometemos mas comprometemo-nos com o cidadão”.

P: O que nem sempre é fácil?

R: Passam pelas minhas mãos todo tipo de situações e, em alguns casos, sem solução possível, compete-me refletir e acompanhar as situações e as pessoas da melhor forma de informar os utentes da realidade, por mais difícil que a situação possa ser, independentemente das soluções que encontramos.

P: Para além do trabalho burocrático, técnico e necessário e de apoio à população, algum do seu tempo é passado em representações oficiais?

R: Sim, refiro junho como um dos meses mais envolventes nesse âmbito. Não houve um dia em que não estivesse numa qualquer actividade para representações oficiais não só em Metz, mas também no Luxemburgo e em apoio ao consulado de Portugal em Estrasburgo, que abrange uma área com muitos portugueses residindo nestes Distrito e Região.

P: Política nata, descrita como filha do “salto” e que ainda tem disponibilidade para lecionar uma disciplina, Estudos Europeus, na universidade?

R: É verdade. Para mim é uma honra e um privilégio ter, de 15 em 15 dias, uma plateia de letrados a assistir às minhas aulas, na sua maioria mais velhos do que eu e que seguiram outras carreiras profissionais mas que sentem curiosidade sobre na galáxia comitológica existente na União Europeia.

P: É fácil de perceber o orgulho que sente pelos seus e pelo percurso que foram militando ao longo dos anos desde que partiram para França?

R: Sinto-me realmente orgulhosa por ver as gentes que partiram “a salto” terem conseguido atingir os objectivos para os quais se dispunham. Aliás, nas últimas sondagens sobre a qualidade de vida, importa salientar que os Portugueses têm uma qualidade de vida e rendimentos 21% acima dos franceses da mesma classe média francesa equivalente. Prometi um artigo ao jornal que vai desde a “mala de cartão” até à “Gaiola Dourada” para mostrar a conquista pelos valores, pelo trabalho, pela dignidade, pelo fraternidade. Quero que Portugal inteiro reconheça a grandeza destes nossos emigrantes!

P: Quais os seus objetivos para o futuro?

R: Neste momento sinto-me bem no cargo que ocupo, mas ao mesmo tempo preciso de evoluir, de atingir novos patamares e novos horizontes. Não descarto a possibilidade de chegar ao Parlamento Europeu.

P: Sente o coração dividido entre Portugal e a França?

R: Eu sinto-me bem em Portugal e sinto-me bem em França. Não houve um mês de agosto que não tenha passado pela minha terra, Celorico de Basto, sinto-me bem aqui e sinto-me bem em Metz como em muitos outros lugares. São realidades diferentes mas o meu coração, a minha história, essa é portuguesa. Vejo esta terra como um

antidepressivo fortíssimo, onde esqueço, uns dias, o peso das responsabilidades e convivo com as gentes que conheço desde que nasci, falo sobretudo, de Nespereira, terra onde habito.

“Celorico de Basto é um antidepressivo fortíssimo”

Nathalie de Oliveira

P: O que sente quando regressa à terra do coração, Celorico de Basto?

R: Sinto paz na minha alma, sinto que estou em sintonia com a nossa história, sinto-me à conversa com as gentes, uma celoricense, não me sinto distante desta realidade.

P: Sente-se em casa?

R: Sim, sinto-me completamente integrada. Tenho um português bastante correcto o que faz com que ninguém me rotule como sendo emigrante.

P: Qual é o lugar que mais gosta de visitar em Celorico de Basto.

R: Na vila de Celorico de Basto sempre gostei de visitar a ramada, a paisagem é sublime, e sentimos algo muito humano. Nós emigrantes, semeamos humanidade, para parafrasear Miguel Torga. Gosto dos traços da ruralidade misturada com a riqueza das vidas humanas. A paisagem é completamente aberta, onde podemos contemplar a Sra. da Graça, algo inatingível ao longe mas ao alcance de todos, na verdade. Na realidade é o Minho, a vegetação verde, a ramada, o convívio, uma história que namora o universal.

P: Mantém as amizades?

R: Tenho cá, em Celorico de Basto, grande parte da família, na freguesia da Cerdeira, em Gandarela, em Nespereira, no Porto, etc., tanto as figuras masculinas como femininas, que forjaram a minha personalidade, estão aqui. Os tios, primos, os amigos de sempre.

P: O seu grande apoio é a família.

R: Definitivamente é o meu grande pilar.

P: O que mudava em Celorico de Basto tendo em conta o teu conhecimento do mundo?

R: Acho que faz falta mais cultura para todos. Adoro cinema e teatro e seria muito agradável poder usufruir dessa cultura na minha terra. Ainda mais pelos Celoricences que lá residem todo o ano. Com exposições e tradições que justifique a portugalidade fora. E porque não termos obras da Joana Vasconcelos aqui? Mas sei que é normal estarmos menos apetrechados neste âmbito porque municípios como Celorico de Basto têm prioridades em termos de desenvolvimento. Ao mesmo tempo sinto que, esse desenvolvimento cultural há-de chegar. Claro que temos o folclore e as tradições locais que nos caracterizam e que lá fora são seguidas com muita atenção com diversas colectividades a querer implementar essas tradições nos locais onde estão radicados.

Acho que a cultura é o que mais nos faz falta, até porque tenho a certeza que não faltam artistas, pintores, escultores a povoarem as aldeias de Celorico de Basto e porque “a cultura é o que faz outra coisa de nós do que acidentes do universo” diria André Malraux.

P: Numa frase descreva Celorico de Basto.

“ Celorico de Basto é luz, no silêncio do sol”.

Nathalie de Oliveira

Gabinete de Comunicação em conversa com Nathalie de Oliveira, Conselheira Municipal delegada em Metz.

Celorico de Basto, 12 de agosto de 2013